

# SOBRE A INDEPENDÊNCIA DO BRASIL \*

**GERMANO DE FREITAS**  
Capitão-de-Mar-e-Guerra (EN-RM1)

---

Agradeço o convite feito pela Prefeitura de Sorocaba ao Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba para que um de seus membros fosse o orador oficial desta cerimônia cívica em comemoração aos 186 anos da nossa Independência. Entretanto, tenho a certeza que existem muitos colaboradores do nosso Instituto com um conhecimento da nossa história muito maior que o meu, pois pela minha formação profissional, por ter sempre gostado mais das Ciências Exatas que das Humanas, sou obrigado a reconhecer: nunca fui um bom estudante de História e, quando no colégio, considerava quase uma tortura ter que decorar nomes, fatos e datas para conseguir passar de ano.

Tentarei apresentar aos senhores algumas reflexões de alguém que foi um estudante de História sofrível, não de um historiador. Perdoem-me, portanto, os equívocos que eu possa cometer.

Percebi o erro que cometi como estudante quando fui transferido para Sorocaba, uma cidade onde – pude constatar – as pessoas dão muito valor à sua história, às suas origens, e procuram “cultuar suas coisas e sua gente”, como dizia Monsenhor Castanho, pesquisador e historiador da região e fundador do nosso Instituto Histórico. Passear pelo centro de Sorocaba é um encontro com a nossa história: o fundador Baltazar Fernandez tem sua estátua em frente ao Mosteiro de São

---

\* N.R.: O texto, que continua atual, se refere a discurso do autor proferido em 7 de setembro de 2008, em comemoração à Independência do Brasil, na Praça Coronel Fernandes Prestes, em Sorocaba, SP.

Bento, um dos marcos iniciais da povoação de Nossa Senhora da Ponte. Descendo a Rua XV, chega-se à Praça Dr. Arthur Fajardo, mais conhecida como a 'Praça do Canhão', pois lá estão colocados os canhões fundidos em 1841, na Real Fábrica de Ferro de Ipanema, para comemorar o primeiro aniversário da maioria do Imperador Dom Pedro II e que foram utilizados pelo Brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar durante a Revolução Liberal de 1842. Nesta praça, junto aos canhões, está a estátua em bronze de Rafael Tobias, patrono da Polícia Militar do Estado de São Paulo, que teve sua origem na antiga Força Pública, criada pelo próprio Brigadeiro Tobias. Falar da Real Fábrica de Ferro da antiga Vila de São João de Ipanema, que fica junto ao sopé do Morro de Araçoiaba (a Morada do Sol, para os índios que habitavam a região) faz lembrar que lá nasceu Francisco Adolfo de Varnhagen, considerado o Pai da Historiografia Brasileira e que fazia questão de assinar seus livros complementando com "natural de Sorocaba".

Embora tarde, mas "antes tarde do que nunca", como diz o ditado popular, aprendi, já vivendo nesta cidade, que a história não se resume apenas à narração dos acontecimentos passados, mas, e principalmente, diz respeito à análise posterior, profunda e isenta desses acontecimentos, no sentido de se estabelecerem relações de causa e efeito entre o passado e o presente e de adequar este relacionamento aos fatos atuais, tentando evitar as consequências e a repetição dos erros passados, para não comprometer o futuro.

Iniciamos esta cerimônia ouvindo o Hino Nacional. Os versos iniciais do nosso hino pátrio nos contam uma parte da história da nossa Independência:

*"Ouviram do Ipiranga as margens plácidas*

*De um povo heróico o brado retumbante".*

Desde pequenos aprendemos que, no dia 7 de setembro de 1822, o Príncipe Regente Dom Pedro, às margens do Riacho Ipiranga, após a leitura de documentos enviados pelas Cortes Portuguesas, uma carta de José Bonifácio e outra da Princesa Dona Leopoldina, retirou do chapéu as cores constitucionais portuguesas e, atirando-as fora, bradou "Independência ou Morte", proclamando a Independência do Brasil.

Qual o significado de independência? Independência significa o "*estado ou condição de quem (ou do que) é independente, de quem (ou do que) tem liberdade ou autonomia*", ou seja, ser independente implica se ter liberdade, "*ser livre*".

Da libertação das 13 colônias inglesas da América do Norte (4 de julho de 1776) e da Revolução Francesa (iniciada em maio de 1789), nos chegaram os ideais de liberdade individual e de liberdade coletiva, antítese da dominação e da tirania, quer sejam exercidas por um soberano, um senhor de escravos, um grupo de pessoas ou um país sobre outro.

No Brasil, que nessa época passava pelo seu período de colônia, logo começaram a chegar essas ideias revolucionárias de emancipação política e de oposição à exploração exercida por Portugal sob a forma de impostos pesadíssimos que eram pagos pelos brasileiros à Coroa Portuguesa (o chamado "quinto dos infernos", pois passem: 20% de tudo que fosse produzido no Brasil era devido à Coroa Portuguesa!).

Vários movimentos, a começar pela Inconfidência Mineira (1789), tentaram conseguir a nossa separação de Portugal, mas nenhum deles logrou êxito em atingir seus objetivos. A nossa independência foi conseguida muito mais de um trabalho de convencimento do Príncipe Regente do que por meio da luta dos revoltosos.

Ante a perspectiva da invasão de Portugal pelo exército francês, transferiu-se a Família Real para o Brasil, em novembro de 1807, chegando ao Rio de Janeiro no início de 1808. O primeiro ato oficial de Dom João foi a Abertura dos Portos às Nações Amigas, em 28 de janeiro de 1808.

Desfrutou o País de um período de prosperidade como nunca antes ocorrera e de uma tranquila e cordial convivência com a Família Real Portuguesa, então sediada no Brasil. Mas continuávamos dominados por Portugal, não éramos livres como nação: em tudo dependíamos da vontade dos nossos soberanos.

Na Europa, ingleses, portugueses e espanhóis continuavam dando combate aos exércitos de Napoleão, que foram finalmente derrotados em 1814.

O Brasil foi elevado à categoria de “Reino Unido ao de Portugal e Algarve” por meio de uma Carta de Lei assinada por D. João (16 de dezembro de 1815). Terminava – ao menos teoricamente – a fase denominada Brasil-Colônia, com a sua elevação à condição de Reino Unido.

Depois de vencido Napoleão, iniciou-se em Portugal um movimento pela volta de D. João e da Família Real para a antiga sede da monarquia – Lisboa. Em 1818, após a morte de D. Maria I, D. João é aclamado como Rei D. João VI.

D. João VI retorna para Portugal em 26 de abril de 1821, deixando no Brasil seu filho e herdeiro, D. Pedro, como Príncipe Regente.

Todavia, a volta de D. João VI não consegue acalmar a conturbada situação no Reino. As Cortes continuam soberanas, e o rei não mais governa. Em 29 de setembro de 1821 são aprovados os Decretos números 124 e 125, que, respectivamente, rebaixava a posição do Brasil de Reino Unido à situação anterior de colônia e ordenava o imediato regresso do Príncipe Regente a Portugal.

Uma comitiva chefiada pelo presidente do Senado, José Clemente Pereira, foi recebida no Paço da Cidade, na Sala do Trono, por D. Pedro no dia 9 de janeiro de 1822. Após extenso e vibrante discurso de José Clemente Pereira, foi entregue o chamado Manifesto dos Fluminenses ao Príncipe Regente, solicitando sua permanência no Brasil. A resposta inicial de D. Pedro foi que “*demoraria um pouco mais no Brasil*”. Mas essa resposta não agradou aos presentes. Percebendo-se disso, D. Pedro a substituiu pela conhecida frase: “*Como é para o bem de todos e felicidade geral da nação, estou pronto, diga ao povo que fico*”, razão pela qual aquele dia passou a ser conhecido como Dia do Fico.

Em 14 de agosto, D. Pedro partiu para Santos. No dia 7 de setembro, já retornando, recebe o emissário do ministro, Paulo Bregaro, que lhe entrega os documentos das Cortes exigindo a sua volta, uma carta de José Bonifácio e outra de Dona Leopoldina. Indignado com a atitude das Cortes Portuguesas, faz a Proclamação da Independência.

Encerrando esta breve retrospectiva dos fatos que levaram D. Pedro a proclamar nossa independência, cortando os laços que mantinham nosso país na condição de dependência política, econômica e administrativa das decisões das Cortes Portuguesas, resta-nos a tarefa de analisar os fatos e documentos que os historiadores nos deixaram.

Embora algumas guarnições portuguesas ao longo do nosso litoral tenham tentado se rebelar contra o posicionamento do Príncipe Regente em não acatar as ordens das Cortes Portuguesas, foi relativamente fácil conter aqueles focos de rebelião. Portugal não tinha, na época, condições de manter suas tropas, supri-las com mantimentos e itens de armamento ou enviar reforços, devido à situação interna em

que se encontrava após a luta contra o exército francês e as disputas internas entre as Cortes e o Rei D. João VI.

Na realidade, esta foi a principal razão de nossa independência: a incapacidade de Portugal continuar a exercer o seu domínio no território de além-mar, fato este apontado claramente por José Bonifácio a Dom Pedro na carta que lhe foi entregue às margens do Ipiranga. Escreveu José Bonifácio naquela carta:

*“Senhor...*

*...O momento não comporta mais delongas ou condescendências. A revolução já está preparada para o dia de sua partida.*

*Se parte temos a revolução do Brasil contra Portugal e Portugal actualmente não tem recursos para subjugar um levante que é preparado occultamente, para não dizer quase visivelmente...”*

Também bastante elucidativo e convincente é um trecho do manifesto de Joaquim Gonçalves Ledo enviado a Dom Pedro em 1º de agosto de 1822:

*“Não temais as Nações Estrangeiras: a Europa que reconheceu a Independência dos Estados Unidos da América, e ficou neutra na luta das colônias espanholas, não pode deixar de reconhecer a do Brasil, que com tanta justiça, tantos meios e recursos, procura também entrar na grande família das Nações.”*

Vivemos hoje em um país com um território de mais de 8 milhões de quilômetros quadrados, pois nossos bandeirantes empurraram a demarcação do Tratado de Tordesilhas para oeste, e o nosso território foi, desse modo, ampliado, porque a Espanha, tal como Portugal, não tinha condições de impedir a ação dos nossos bandeirantes.

Enfim, da conjunção de todos esses fatores, fatos e motivos, a Independência do Brasil foi proclamada por Dom Pedro de Alcântara – I do Brasil e IV de Portugal – na tarde do dia 7 de setembro de 1822.

E hoje, 186 anos após a conquista da nossa independência, ao que assistimos? Em nome dos nossos índios, ONGs de fachada criticam o Brasil. Organizações internacionais de reconhecidos méritos em defesa da ecologia e dos direitos humanos se aliam a organizações não tão sérias, daquelas que servem somente aos interesses escusos do empresariado internacional, pregando a demarcação de terras indígenas e incentivando a formação de nações indígenas independentes, inclusive em áreas onde o Brasil faz fronteira com outros países.

Um belo dia, algum país ou organismo internacional poderá decretar a internacionalização da Amazônia.

Quando for *“proclamada a independência”* de uma dessas reservas indígenas, por apenas uma *“pequena parcela do povo brasileiro”*, serão retirados do nosso território quase 10 milhões de hectares – terra esta que nos foi arduamente legada pelos nossos antepassados e que representa mais de 10% da área do nosso país. Quem reagirá? Nossas Forças Armadas estão sendo sistematicamente sucateadas desde o governo de Fernando Collor de Mello.

Será que continuaremos *“deitados eternamente em berço esplêndido, ao som do mar e à luz do céu profundo”*, como se nada estivesse acontecendo, ou será que a *“Pátria amada Brasil”* poderá realmente ver que *“um filho teu não foge à luta”*?

Recordando um fato mais recente, ocorrido na década de 50, Zé Dantas, por ocasião do lançamento de um CD contendo músicas de sua autoria em parceria com Luiz Gonzaga, escreveu o seguinte texto sobre a composição *“Vozes da Seca”*:

*“Em 1953, o Nordeste sofreu uma das maiores secas entre as que periodicamente assolam aquela região, deixando a terra calcinada e a população faminta. Por essa época, foi lançado um apelo à generosidade do povo do Sul em favor dos*

*flagelados nordestinos, por meio de uma campanha intitulada “Ajuda teu irmão”. Os poderes públicos, além de não tomarem qualquer providência substancial, pareciam desfrutar a comodidade que lhes proporcionava a iniciativa popular..”*

Os versos iniciais desta toada-baião nos falam de gratidão e vergonha:

*“Seu Dotô, os nordestinos têm muita gratidão pelo auxílio dos sulistas nesta seca do sertão Mas, Dotô, uma esmola, a um homem que é são, ou lhe mata de vergonha, ou vicia o cidadão.”*

É incrível, pois estes versos escritos em 1953 são tão atuais como se Zé Dantas e Luiz Gonzaga os tivessem escrito ontem!

Se o Patriarca da Independência José Bonifácio ainda vivesse nos dias de hoje, talvez ele enviasse uma carta para Brasília com o seguinte preâmbulo:

*“Senhor Presidente,*

*O momento não comporta mais delongas ou condescendências. A revolução já está sendo preparada de longa data.*

*Temos uma revolução de estrangeiros e falsos brasileiros contra o Brasil, e o Brasil atualmente não tem recursos para subjugar este levante que é preparado às claras, sem qualquer tentativa para sua ocultação, pois nossos representantes parecem não se importar caso uma riquíssima parte do nosso território seja transferida para aqueles que, há muito tempo, a desejam.”*

Ou se Joaquim Gonçalves Ledo pudessem redigir outro manifesto, com certeza ele teria o seguinte teor:

*“Temei as potências estrangeiras! A ONU não deixará de reconhecer a independência dos ‘povos indígenas do Brasil’, que com tanta justiça, tantos meios e recursos procuram também entrar na grande família das Nações. Adicionalmente, tal direito já está consubstanciado e garantido na ‘Declaração Universal de Direitos dos Povos Indígenas’, assinada pelo próprio representante brasileiro em setembro de 2007, e vem de encontro às aspirações das grandes potências que, de longa data, cobiçam as riquezas existentes naqueles territórios, principalmente jazidas do minério de um metal muito raro, chamado Nióbio, que pode ser a solução para a construção dos reatores de fusão nuclear no futuro.”*

Ser independente não é só ser livre. Ser independente é também, e principalmente, ser soberano, ou seja, *“não depender da vontade dos outros”*.

Acredito, como cidadão deste imenso país, que a grande reflexão que podemos e devemos fazer neste dia 7 de setembro pode ser resumida a tentar responder às perguntas:

**O que acontecerá quando os que querem “comprar” ou tomar a nossa Amazônia oferecerem uma esmola maior?**

**Podemos considerar que um povo que vive de esmolas é realmente livre, é independente e soberano?**

Pensem, reflitam bem... Depois tentem respondê-las.

📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<POLÍTICA>; Política; Soberania; Grupos de pressão; História do Brasil;